

O SAGRADO E O POPULAR

negritude e canções no Rio de Janeiro

Márcia Leitão Pinheiro

No campo religioso brasileiro existem múltiplas agências que produzem canções e eventos direcionados aos fiéis. No meio evangélico, alguns produtores (artistas e empresários) igualmente apresentam bens e serviços religiosos pautados em expressões musicais contemporâneas como, por exemplo, o samba, o reggae, o pagode, o hip-hop e drum' n' bass. Eles viabilizam negociações e estabelecem estratégias para a visibilidade de musicalidades subalternas e relacionadas aos povos da diáspora negra. Os bens e os serviços apresentados aproximariam instâncias que deveriam estar separadas como o sagrado/popular e o espiritual/terreno. Muito pode ser discutido, porém cabe refletir sobre a noção de negritude e como ela evidencia a conexão entre o sagrado e o popular e, por fim, como contribui para a constituição de arranjos musicais.

Palavras-chave: SAGRADO, POPULAR, CONSUMO, NEGRITUDE, EVANGÉLICOS, BLACK MUSIC

PINHEIRO, Márcia Leitão. O sagrado e o popular: negritude e canções no Rio de Janeiro. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 99-112, 2007.

A dimensão da produção musical pode ser considerada eficaz para compreender a dinâmica do âmbito religioso. A constatação se aplica também ao meio evangélico contemporâneo. Nele, são encontradas formulações que possibilitam indagar acerca das percepções e práticas de adeptos e de especialistas – envolvidos distintamente com os bens e serviços percebidos e consumidos como religiosos.¹

Muitos empreendimentos registram a apropriação de expressões musicais de circulação global, sendo algumas relacionadas às juventudes urbanas. Isso pode ser considerado como “estratégia” para a evangelização com linguagem adequada. No entanto, uma visão como essa não é suficiente. Para iniciar, é pertinente indagar sobre aquilo que norteia a atividade apropriativa. Mais. Saber quem são os especialistas, denominados produtores musicais, encarregados da atividade, constitui uma tarefa; o que também se pode afirmar acerca daqueles que adquirem e/ou frequentam os eventos onde as canções são executadas. Também saber o que é veiculado, quem é concebido como o ouvinte preferencial e por quê. A busca por respostas pode incluir as operações realizadas por leigos e outras localizadas no âmbito institucional (integrado por igrejas e empresas).

Sobre as percepções e as práticas que informam as iniciativas musicais, em investigação anterior,² pude focalizar as ações de produtores musicais em atuação no Rio de Janeiro. Suas

atividades estão baseadas em expressões musicais como o *hip-hop*, o *rhythm and blues (r&b)*, o *drum 'n' bass (d&b)* e o *techno*, abrangendo ainda o *samba* e o *pagode*. Elas integram a *black music gospel* “música negra” direcionada aos evangélicos e potenciais conversos. Além das canções, serviços e objetos são formulados e efetivados, integrando um conjunto de imagens que salientam certo modo de pertencimento e participação. Vejamos. A “festa *gospel*” ou “festa”³ é o principal evento voltado para a execução musical e realização de jogos, porém ela é percebida como espaço de celebração religiosa. Ainda os encartes fonográficos (ver figura 1), os materiais promocionais e outros objetos, como camisetas, chaveiros e bonés, vendidos na “festa”, explicitam que os evangélicos lidam e incorporam bens e estilos que integram novas formas de sociabilidades juvenis e de experimentação religiosa. Esta breve apresentação evidencia que muito pode ser investigado e, portanto, aqui opto por refletir sobre algo que pode visualizar a partir da produção de *black music gospel* “música negra”.

O objetivo do artigo é compreender qual a noção de negritude estabelecida e veiculada com os bens e serviços musicais, pautados em expressões musicais ligadas aos povos da “diáspora africana”⁴ (Gilroy, 2001), produzidos e consumidos entre os evangélicos. Isso é viável ao explicitar o que constitui a *black music gospel*/

“música negra”, possibilitando evidenciar a visão sobre o lugar da “cultura negra” e do “negro” e como o meio evangélico contribui para a sua visibilidade. Para tanto, serão considerados os depoimentos de produtores musicais e de fiéis freqüentadores e consumidores de bens e serviços.

As iniciativas musicais podem ser vistas como possibilidades de emergência de concepções e práticas religiosas e culturais. Seus produtores e consumidores não são localizados a partir de interesses econômicos. Como os artistas que lidam com as “formas culturais negras” (Gilroy, 2001:159), os elaboradores de *black music gospel* “música negra” podem ser vistos como participantes de uma “sensibilidade cultural distinta e entrincheirada que também tem operado como recurso político e filosófico” (p. 164). Assim, é possível destacar ser a musicalidade viável para a inscrição e dissemi-

nação não apenas de palavras e sons, mas de uma noção de negritude. Negritude é entendida como algo não essencial e fechado, sendo uma construção reveladora da consciência da diferença e pertencimento (p.86-87). A noção de negritude pode ser formulada e reformulada conforme o local, os interesses e os objetivos evidentes quando, por exemplo, a “África” passa a ser recorrente em discursos, podendo-se destacar expressões como o candomblé, a capoeira e os orixás (Birman, 1989). Igualmente a reinterpretação local de elementos globais é fundamental para a redefinição da noção de negritude entre as juventudes urbanas (Sansone, 2003). Recorro a essa noção porque cada grupo e cada ator envolvido na atividade musical privilegia elementos e referenciais culturais específicos e, assim, fala sobre o negro na sociedade e no meio evangélico contemporâneo.

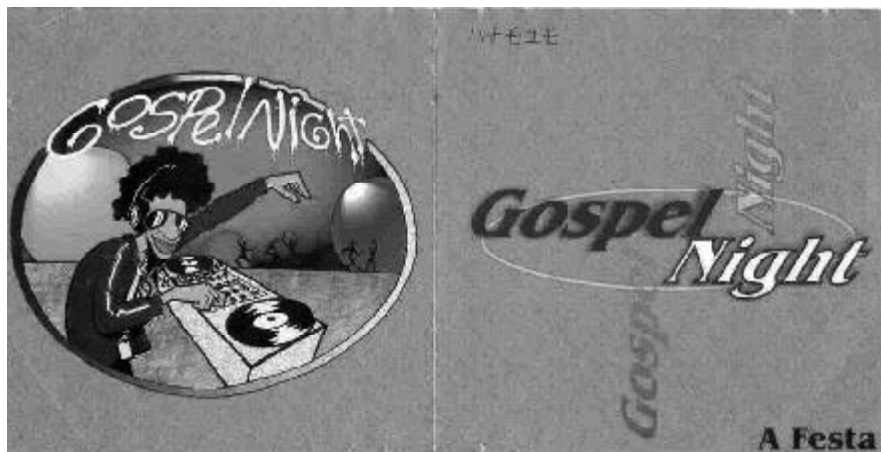


Figura 1: Capa CD “A Festa – Gospel Night”.

Musicalidades e ‘mensagem black’

Ao relacionar juventudes e experiência religiosa, entendendo que as construções musicais e sonoras veiculam distintas percepções e práticas no meio evangélico. Isso explicita que a contemporaneidade registra a crescente circulação e escolha por diversos “espaços de experiência religiosa” (Brandão, 2004). Desse exercício, as novas gerações relacionam-se com crenças, praticam apropriações e reapropriações de elementos de outras origens e, desse modo, apresentam alternativas de ato de expressão de fé (Novaes, 2004).

Certa dinâmica religiosa juvenil pode ser observada na cidade do Rio de Janeiro, onde são encontrados grupos que organizam edições da “festa *gospel*”. Em geral, as atividades são constituídas ao redor da *black music gospel* “música negra”. Os produtores são reconhecidos como cantores e *disc-jockeys*, são de

igrejas históricas – Batista, Presbiteriana e Metodista –, mas alguns passaram para as igrejas neopentecostais: Renascer, Projeto Vida Nova de Irajá, por exemplo. O público é constituído por jovens moradores de bairros e regiões não centrais, como Madureira, Realengo, Bangu, Campo Grande, Paciência, Santa Cruz e de municípios como Belford Roxo, São Gonçalo, Nova Iguaçu e Duque de Caxias. São áreas com fraco apelo turístico e/ou que recebem incipiente atenção do poder público.

As iniciativas (a “festa” e a *black music gospel* “música negra”) não constituem mera manifestação lúdica, embora o relaxamento e a dança sejam citados e também considerados como seus componentes. Para os envolvidos (consumidores e organizadores), ambas viabilizam os eventos e integram meio de experiência de fé.

Segundo os produtores, a “festa” e a música são serviços e bens diferentes daqueles realizados por igrejas e pastores. Entendem não haver concorrência com as instituições religiosas, mas acreditam apresentar algo complementar e capaz de converter e de evitar o desligamento de adeptos. Essas ações configuram uma noção peculiar de sagrado e de expressão religiosa



Figura 2: Frequentadores de “festa gospel”.

e, para tanto, é fundamental o trânsito de formas culturais. Por isso, a ênfase recai sobre o âmbito musical, em que temas, canções, eventos, imagens e concepções são encontrados de modo, às vezes, mais subterrâneo. Isto é, possuem pouca visibilidade, porém são capazes de configurar um circuito independente de produção e execução musicais. (Ver figura 2)

São diversos os grupos que respondem pela produção de *black music gospel* “música negra” e pela organização de “festas”. Cito três equipes por mim pesquisadas: a *Gospel Night*, fundada em 1998; a *Gospel Beat*, surgida em 2000; e a *Soul de Cristo*, em atuação desde 2003. Seus integrantes afirmam o interesse pelos fiéis e por aqueles ainda não convertidos e, para tanto, focalizam elementos diversos que entendem compor uma prática religiosa. A diversão, o entretenimento e a crítica social estão presentes. No último caso, os fazeres musicais revelam as concepções de religioso e de sagrado, pois seus formuladores entendem ser o meio evangélico perpassado por desigualdades que atingem os fiéis e os artistas negros. E, então, realizam algo específico, um exercício de valorização cultural e profissional.

Sobre o fazer musical, TR, integrante da equipe *Soul de Cristo* (SC), solteiro, negro, cerca de 30 anos de idade, adepto da Igreja Batista, morador da Cidade de Deus, ensino médio completo, técnico em cobrança, afirma:

A mensagem também é uma mensagem *black*; é uma mensagem mais voltada pro negro. Não

quer dizer que os brancos não venham fazer parte do contexto, sendo que tudo que acontece nesse mundo, principalmente no Brasil, no Rio de Janeiro, é tudo pros brancos. Então, eu quero mostrar pro negro que ele também pode ter uma parada pra ele também na igreja: ‘oh, isso aqui é teu, meu irmão, a parada também é sua’.

TR entende a existência de atividades e condições religiosas tradicionais inadequada ao exercício de um contingente de fiéis. Diante disso, considera a promoção de eventos como vetor de valorização, no interior do cenário religioso, e também artístico, da população negra e da cultura que percebe a ela associada. É inscrito um modo de pertencimento e participação caracterizado por outra visão de espiritual e de terreno.

Outro exemplo pode ser dado pela equipe *Gospel Beat* (GB), pois ela divulga o objetivo de atingir uma parcela da sociedade e, para isso, a sonoridade *black surge* como eficaz elemento de comunicação. Assim, a apresentação do grupo é a seguinte:

Nosso ministério é restaurar vidas, utilizando a música para tocá-las, buscando as impactar com a sonoridade *black* aliada a letras desafiadoras e objetivas. Discursos abertos, retos e diretos enfatizando o arrependimento e o relacionamento com Deus... nós evangelizamos a “Galera *Black*”. Onde essa galera estiver, ali estaremos sendo luz para a vida deles.⁵

A música produzida é eficaz devido àquilo que é definido como *black* – letras, sonoridades e origem. Ela permite a realização de certa ação e é formulada e exercitada distintamente porque a população-alvo é apresentada como possuidora de características que podem ser fortalecidas. Nesse caso, as atuações de determinados especialistas viabilizam a conversão sonora, musical e religiosa.

Sobre a especificidade do que é definido como *black* ou “voltado para o negro”, e, juntamente com o Evangelho, objeto de divulgação entre parcela da população, L’ Ton, componente da equipe GB, negro, cerca de 30 anos de idade, ensino médio completo, gerente de empresa de consultoria, oriundo de família adepta da Igreja Batista, morador da Vila da Penha, produtor musical, observa:

A cultura negra não é muito difundida no meio evangélico (...). Por isso, tentamos resgatar nossa cultura que se perdeu. Hoje os jovens e o público *gospel* já começam a identificar essa divisa. Mas é um trabalho árduo. Por isso, damos a preferência a esse tipo de música, a nossa música. Afinal, hoje, os principais produtores de bailes são negros e sabemos o que sofremos para conquistar nosso espaço (o fato de chamarem nossa música de música mundana, diabólica, etc.).

O informante destaca haver fraca valorização e desconhecimento da “cultura negra”; o quadro pode ser também atribuído à visão corrente que vincula

malignidade à cultura de origem não europeia. As iniciativas realizadas, por ele e outros produtores de *black music gospel*/ “música negra”, têm por meta conduzir os ouvintes para uma esfera diferenciada. Esta é caracterizada por cultivo de consciência capaz de atingir aqueles que desconhecem as inscrições culturais, ignoram a realidade social e, por fim, identificam-se com a citada musicalidade.

Apresentado o que norteia a produção musical *black gospel*, delineado o objetivo dos especialistas e, finalmente, definido o contingente a ser o público das ações musicais e religiosas, pode-se observar a visão estabelecida acerca do lugar que caberia ao “negro” e à “cultura negra”, ou *black*, entre os evangélicos. Quando se busca tornar visível e legítima uma prática artística e de fé, quais são os referenciais utilizados?

Gospel: música negra e fé

A *black music gospel* e a “festa”, consumidas nos finais de semana, em bairros distantes de áreas centrais, são organizadas e atraem numeroso público. Este almeja ouvir canções, assistir aos cliques exibidos, encontrar e fazer amizades, divertir-se e também expressar sua fé.

Um exemplo da especificidade da *black music gospel*/ “música negra” e da reunião pode ser dado pela apresentação de Serginho, negro, casado, cerca de 30 anos de idade, morador do bairro de Anchieta, integrante da Igreja Batista, ensino médio completo, técnico em

telemarketing, componente da equipe SC, que divulga:

Serginho DJ' esus – mostra o caminho que ao céu conduz! A essência da *Black Music! Soul R&B Hip-Hop*.

Pode-se ver que certa musicalidade é a condição de um enlevo que constitui modo de participação religiosa e de conceber e experimentar o sagrado.

Para legitimar as iniciativas estabelecidas, os produtores de *black music gospel* “música negra” buscam a relação entre as suas iniciativas e a musicalidade que concebem ser oriundas de igrejas evangélicas freqüentadas pela população negra norte-americana. Por exemplo, L' Ton destaca:

Para você ter uma idéia, a música *gospel* não era a música evangélica em geral. Era, sim, a música evangélica cantada e tocada nas igrejas negras norte-americanas. Música que começou nas lavouras, onde os negros clamavam a Deus por socorro (*Spiritual*). Quando os negros conseguiram montar suas igrejas, a música dos negros era chamada de *godspel* que, mais tarde, viraria o *gospel*. Em sua grande maioria, a música evangélica americana, cantada por um grupo de brancos, é chamada de *Christian music*. Aqui no Brasil, se copia muito de lá de fora, foi passado pelos grandes donos de gravadoras e rádios evangélicas, que a música brasileira, diga-se de passagem, que era predominantemente branca, era *gospel*.

Vários dos entrevistados concordam com a observação de L' Ton e, desse modo, afirmam que a música de que ele trata é possuidora de conteúdo religioso. Sua distinção diante da secular passa a ser assegurada quando a musicalidade em questão é relacionada com específicas igrejas: os informantes entendem que elas seriam formadas por cativos obrigados a trabalhar na lavoura. O sofrimento experimentado no cativeiro, a relação com o divino, o “clamor”, as músicas e as igrejas, tecidas como refúgio, são aspectos que desenharam a cultura negra ou “a nossa cultura”, como afirma L' Ton, e igualmente integram a idealização da população negra e cristã localizada no Novo Mundo (Estados Unidos). Essa narrativa apresenta o referencial morale sagrado, estabelecendo a associação-chave para a visibilidade das iniciativas ligadas à *black music gospel* “música negra”.

Além de produtores, alguns consumidores colocam em evidência a “música negra” e seu lugar na cidade. Tiago, negro, ensino médio completo, casado, 24 anos de idade, membro da Igreja Batista Renovada, residente na Baixada Fluminense, expõe o seguinte:

A *black music* hoje, que no caso é a música negra, tem várias vertentes, tem o *hip-hop*, que é música negra, tem o próprio charme, que é a música eletrônica, música batida, mas com muita melodia, melodias elaboradas, vocais harmonizados, que é essa base de coral... tem o *hip-hop*, que hoje é a grande coqueluche do momen-

to. *Hip-hop*, hoje, tu vai na Baixada, é *hip-hop*, tu vai na Zona Sul, é *hip-hop*... Tem o *r&b*, que é mais *funk*, *funk* americano, aquela questão que a gente tava falando, né, um arranjo bem trabalhado. E... A música *black* hoje é isso, tem várias vertentes.

Ao falar sobre *black music*, Tiago cita as musicalidades surgidas nos Estados Unidos, que entende como “música negra” e, assim, sublinha que a diversidade sonora identifica as regiões da cidade. Ynah, negra, solteira, graduada em Turismo, 24 anos de idade, integrante da Comunidade Evangélica Zona Sul, residente em Irajá, diz:

Eu chamo de *black music* todas as... O rock, por exemplo, veio do *Jazz*. *Black music*, pra mim, é o *soul*, o *rap*... todos fazem parte da *black music*, que a própria palavra fala: música negra. Que é esse tipo de som que surgiu nos Estados Unidos.

Tiago e Ynah, como os outros depoentes, evidenciam a sobreposição de expressões musicais contemporâneas e abrigadas sob a rubrica *black music*. As duas falas destacam as especificidades das localidades da cidade e a criatividade musical, explicitando a relação com o popular, que registra criações e forças em constante tensão. (Hall, 2003)⁶

Os depoimentos explicitam a construção de determinada musicalidade, denominada *black music gospel* “música negra”, demarcadora da inovação construída. Os responsáveis e também os consumidores destacam as expressões

musicais de referência afro-norte-americana e, desse modo, revelam a proximidade com o popular e redefinem o exercício espiritual (Ver figura 3). Assim, é sublinhado que “a mensagem também é uma mensagem *black*”, como registra TR; ou como divulga a equipe GB ao assentar: “Nosso ministério é restaurar vidas, utilizando a música...”; ainda a fala de L’ Ton pontua:

a cultura negra não é muito difundida no meio evangélico (...). Por isso, tentamos resgatar nossa cultura que se perdeu.

Remontar às idealizadas igrejas afro-norte-americanas e aos seus integrantes é fundamental para demonstrar que as expressões musicais privilegiadas são vistas como tendo ligação histórica com o cantado nos templos.

Trata-se de introdução de elementos inseridos no fluxo de bens culturais, no jogo de posições, interesses e objetivos. Ao falarem sobre o meio religioso, o trabalho de evangelização e sobre os fiéis “negros” e a “cultura negra”, alguns produtores trilham caminhos e apresentam aquilo denominado *black music gospel* “música negra”. Assim, explicitam que as formulações musicais são fundamentais para a divulgação de noção moral e de estado espiritual já que constituem algo considerado certo e virtuoso. Isso é reatualizado com o trânsito de idéias, práticas, imagens, histórias e sentimentos. Para isso, a eleição de uma população pensada como moralmente positiva é essencial e também confirma a diferenciação que surge nas narrativas.



Figura 3: material promocional encontrado no “meio gospel”.

Sobre a peculiaridade e o lugar da música entre os evangélicos, Nega, também de família pertencente à Igreja Batista, cerca de 30 anos de idade, negra, solteira, ensino médio completo, secretária, moradora de Olaria, filiada ao Projeto Vida Nova de Irajá (PVNI), integrante da equipe *Gospel Beat* (GB), observa que tal modalidade musical permite:

Resgatar e mostrar ao povo brasileiro – aí já vem pra cá – que tem essa parte da música *black*. Essa música gostosa. Como também tem a música africana. A africana é mais complicada. Porque na música africana, todo mundo toca atabaque, aí é coisa do diabo. Entendeu? Porque aí tem o “Xangô”,

aquele negócio todo no meio evangélico. O meio evangélico acha que... Eu tenho uma fita de um coral africano que... é muito show. É evangélico.

Conforme Nega e os demais informantes a *black music gospel* “música negra” integra uma noção de sagrado com a relação mantida com formas musicais populares e por descortinar um modo específico de sentir e crer. Todavia, os evangelizadores têm sua atuação limitada por certa concepção acerca da “música africana”, daquilo considerado vinculado à “África”.

Entre os evangélicos brasileiros há a eleição de algumas expressões populares em detrimento de outras. Assim, nas igrejas históricas não ocorre a valoriza-

ção da cultura africana ou negra – incluindo o popular e o regional (Novaes e Floriano, 1985). Entre os pentecostais, apesar de existir reflexão sobre o contingente de fiéis negros e a “cultura negra”, as expressões culturais e religiosas com vinculação com a África ou com o que seja considerado africano são mantidas à distância (Burdick, 2001).

Os produtores de *black music gospel* “música negra” recorrem à apropriação de determinadas expressões musicais de circulação internacional, embora não seja selecionado aquilo considerado de origem africana, como aparece no depoimento de Nega. As falas enfatizam as expressões musicais associadas aos grupos norte-americanos, como a nomenclatura descortina. Por sua vez, a musicalidade brasileira, como o samba, termina por estar ausente ou palidamente representada, apesar de haver a procura por espaço para que artistas brasileiros possam desenvolver seus trabalhos. Para constituir bens e serviços que sejam reconhecidos, a associação com manifestações culturais, seja por sua relação com a religiosidade afro-brasileira, seja por representar modo de vida considerado pouco adequado⁷, não parece ser viável às propostas de produtores de *black music gospel* “música negra”.

Esses produtores diferem de outros que atuam fora do meio evangélico. Estes últimos participam da construção de valorização de cor/negritude e, para tanto, recorrem a sinais de uma “africanidade” (músicas, comidas, roupas e religiosidade), enfatizando o eixo Rio-Sal-

vador-África (Guerreiro, 1997). Por sua vez, os produtores de *black music gospel* “música negra” e de “festa” utilizam certos traços culturais e destacam o sofrimento no cativeiro, na plantação, na construção de igrejas e o desenvolvimento de musicalidade peculiar, pois dirigida a Deus. Eles ressaltam traços como a musicalidade e determinada narrativa sobre o cativeiro e o trabalho nas plantações. Portanto, pensar-se “negro” e evangélico não compreende buscar sinais alocados nas expressões religiosas de matriz africana. Em suas construções, os organizadores de “festa” apresentam outro referencial; é pontuada a rota Rio-Estados Unidos formada pela relação entre diáspora/escravidão/protestantismo. No fluxo das formas culturais da diáspora, os produtores recorrem a certos elementos que consideram próprios de negros cristãos e tentam estabelecer com eles um diálogo específico.

A atividade de *black music gospel* “música negra” revela que as diferenças não são suprimidas, devem e compõem possibilidades de pertencimento. Nesse caso, as apropriações configuram mesclas e constituem algo diferenciado. Portanto, é fundamental o consumo de bens musicais, trocados por tantos grupos posicionados mundialmente (Sansone, 2003).

Conclusão

O objetivo foi compreender como a produção e o consumo de bens e serviços musicais compõem formas contemporâneas de pertencimento e participa-

ção. Foi destacada a esfera da *black music gospel* “música negra”, enfocando-se as concepções de produtores e consumidores. As inovações musicais possibilitam discutir questões e temas que aparecem no meio evangélico e na sociedade como pertinentes às juventudes e ao contingente de afrodescendentes. A elaboração de bens e serviços, a partir da apropriação de expressões musicais com circulação global, evidencia o exercício distinto de adeptos religiosos que apontam a invisibilidade que atinge aqueles que pertencem ao pólo mais negro da população e são encontrados no interior do meio evangélico e fora dele. Suas iniciativas inserem ainda uma concepção de ser negro que destaca não apenas a cor da pele, mas um passado vislumbrado como de sofrimento, trabalho e manifestação religiosa, sublinhando, desse modo, que a dimensão religiosa não exclui o que não seja demasiado branco.

Com a atividade musical é buscada a valorização do contingente de afrodescendentes e apresentada uma narrativa sobre o passado, sendo fundamental o destaque dado ao trabalho e à dedicação ao divino. Assim, a noção de negritude é constituída com a distância estabelecida com a musicalidade de vertente afro-brasileira. Para os envolvidos com a *black music gospel* “música negra”, as inovações, por mais audaciosas, são entendidas como revestidas de moral, porque consideram que religiosa e historicamente estejam ligadas aos negros escravos, sofrendores e fiéis a Deus.

A construção musical coloca em cir-

culação formas culturais que ultrapassam as fronteiras, explicitam tensões entre aqueles que em posições subordinadas constituem estratégias de visibilização. Isso evidencia recriações, hibridizações e, como na “cultura negra”, revela estratégias de recodificação e de significação (Hall, 2003:343) daquilo que é apropriado e, desse modo, fundamental para demarcar as especificidades de pertencimento e participação.

NOTAS

- 1 Uma outra versão deste texto foi publicada na revista *Religião e Sociedade*, em 2007.
- 2 A presente comunicação está baseada em minha tese de doutorado sobre a produção de “música negra” ou “*black music gospel*”, intitulada “Na ‘pista’ da fé: música, festa e outros encontros culturais entre os evangélicos no Rio de Janeiro”, defendida em 2006, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/IFCS/UFRJ).
- 3 A “festa” ocorre em clubes, boates e “casas de festas”, localizadas nas zonas norte e oeste, e tem por característica a audição musical com a apresentação de clipes e a promoção da dança.
- 4 Gilroy (p.17-21 e 25) discute diáspora como conceito favorável à reflexão de identidade e de pertencimento, pois é possível pensar na idéia de “circuito comunicativo” composto por diversas populações dispersas e em interação. Não se trata de falar apenas em movimento, mas de processos produtivos resultantes de diversas “formas geopolíticas e geoculturais oriundas das comunicações entre os povos negros”.

- 5 Disponível em www.gospelbeat.com.br, acessado em 07/04/05.
- 6 A noção de popular ou de cultura popular seguida não considera somente os objetos e práticas construídos pelo povo. Aqui é entendido que as criações realizadas evidenciam a relação tensa com a cultura dominante. Por esse prisma, o domínio cultural é visto como “um campo sempre variável”. Trata-se de processo com a eleição de “formas e atividades culturais” e o destronamento de outras. Assim, “em seu centro estão as relações de força mutáveis e irregulares que definem o campo da cultura...” (Hall, 2003:258).
- 7 No Brasil, as manifestações culturais e religiosas relacionadas aos povos negros têm enfrentado visões negativas – vide o posicionamento de algumas igrejas evangélicas (Pinheiro, 2006). Não apenas na esfera religiosa, pode-se indicar o cerceamento de práticas religiosas e culturais como, por exemplo, o caso do candomblé, o samba e outras manifestações de negros e brancos pobres (Lopes, 1989).
- BURDICK, John. Pentecostalismo e identidade negra no Brasil: mistura impossível! In: MAGGIE, Yvonne e REZENDE, Cláudia B. *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.185-209.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- GUERREIRO, Goli. Um mapa em preto e branco da música na Bahia: territorialização e mestiçagem no meio musical de Salvador (1987/1997). In: SANSONE, Lívio, SANTOS e Jocélio Teles (orgs.) *Ritmos em trânsito: sócio-anthropologia da música baiana*. São Paulo: Dynamis Editorial; Salvador: Programa A Cor da Bahia e Projeto S.A.M.B.A., 1997. p. 97-122.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. SOVIK, Liv (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- LOPES, Nei. Música popular, repressão e resistência negra: uma cronologia. In: SILVA, Jaime, BIRMAN, Patrícia e WANDERLEY, Regina (orgs) *Cativeiro e liberdade*. Rio de Janeiro: UERJ, 1989. p. 250-261.
- BIRMAN, Patrícia. Construção da negritude: notas preliminares. In: SILVA, Jaime, BIRMAN, Patrícia e WANDERLEY, Regina (orgs.). *Cativeiro e liberdade*. Rio de Janeiro: UERJ, 1989. p. 191-198.
- NOVAES, Regina e FLORIANO, Maria Graças. *O negro evangélico*. Rio de Janeiro: ISER, 1985.
- PINHEIRO, Márcia Leitão. *Na “pista” da fé: música, festa e outros encontros culturais entre os evangélicos do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIRMAN, Patrícia. Construção da negritude: notas preliminares. In: SILVA, Jaime, BIRMAN, Patrícia e WANDERLEY, Regina (orgs.). *Cativeiro e liberdade*. Rio de Janeiro: UERJ, 1989. p. 191-198.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé: alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. *Revista Estudos Avançados*, v. 18, nº 52, 2004.

SANSONE, Lívio. *Negritude sem etnicidade: o global e o local nas relações raciais na produção negra do Brasil*. Salvador: Edufba: Pallas, 2003.

Márcia Leitão Pinheiro é doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (IFCS/ UFRJ) e professora de Antropologia no Laboratório de Estudos da Sociedade Civil e do Estado/ UENF.

